

ANÁLISE DO LIVRO PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

Otília Maria Dill Al Hamawi¹

Marlene Dill²

Paulo Regis Neves Freire nasceu em Recife, Brasil, em 19 de setembro de 1921. Foi ensinado a ler e escrever pela mãe, que o ensinou a escrever com pequenos gravetos no quintal da casa da família. Na adolescência começou a desenvolver um grande interesse pela língua portuguesa. Aos 22 anos, Paulo Freire começou a cursar Direito na Faculdade de Direito do Recife. Já na faculdade de Direito, casou-se com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira. Com a esposa, teve cinco filhos e começou a lecionar na Escola Oswaldo Cruz, no Recife.

Paulo Freire foi reconhecido mundialmente por sua práxis educativa através de inúmeras homenagens. Além de ter seu nome adotado por diversas instituições, foi cidadão honorário em diversas cidades brasileiras e no exterior. Os conceitos e as ideias de Paulo foram influenciados pelo marxismo, existencialismo e fenomenologia.

É considerado um dos maiores pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente. Pesquisas recentes apontam que há mais textos escritos em outras línguas do que em seu próprio país. Embora suas ideias e práticas tenham sido objeto das mais diversas críticas, é inegável sua grande colaboração em prol da educação popular.

Paulo Freire é autor de muitas obras consagradas e estudadas pelo mundo, cuja premissa é educar a todos através do diálogo. Escrever o livro *Pedagogia da Esperança* foi um longo aprendizado para Freire, envolveu uma caminhada difícil, quase sempre dolorosa, até que ele mesmo se convenceu de que sua proposta e sua tese eram as mais precisas e que não tinha dúvidas sobre ela.

¹ Docente habilitada em Letras Português e Inglês e suas respectivas literaturas Especialização no Ensino da Língua Inglesa. Doutorado em Educação pela Universidad Católica Santa Fé – UCSF - de Santa Fé de la Vera Cruz, Argentina. Professora de línguas na Rede de ensino Estadual e professora da Uceff desde 2002.

² Professora habilitada em História, atua na rede de ensino Estadual. Graduação em Gestão de Turismo. Pós-graduação em Gestão de Museologia com ênfase em cultura. Pós-graduação em Arqueologia. Pós-graduação em Antropologia e Patrimônio.

Precisava saber se as ideias coincidiam com a leitura de mundo dos grupos ou da classe social a que se dirigia, impunha-se a si mesmo a estar em pé de igualdade, familiarizado com a leitura do mundo, pois somente a partir do conhecimento nele contido ou implícito seria possível discutir sua própria leitura, a partir de outro tipo de conhecimento.

Um dia, quando falava de educação, usando sua própria linguagem, foi finalmente questionado por um dos ouvintes sobre a realidade de si mesmos, dos camponeses e trabalhadores rurais que o ouviam. O jovem camponês falou sobre sua realidade, uma família faminta, uma esposa cansada, trabalho duro, condições financeiras muito debilitadas... Paulo não estava ao par desse mesmo tempo naquela realidade, na época não se preocupava em questionar o mundo de cada espectador. Essa foi uma lição que ele carregou para o resto da vida, foi o que alterou radicalmente sua forma de agir diante da educação.

Os movimentos do corpo, das mãos e das metáforas tão comuns em sua linguagem permitiram a Freire perceber a importância do conhecimento do real por seu interlocutor. Uma compreensão do mundo que, condicionada pelo concreto que muda através da mudança do concreto. Uma realidade do mundo que pode começar a se alterar no momento em que o desvelamento da realidade concreta expõe a razão de ser do próprio entendimento até então.

Na verdade, esse foi um ponto alto do aprendizado: que quando o educador tem que falar com o povo, ele tem que transformar esse falar com o povo em falar com o povo. Isso implica respeito pelo "conhecimento da experiência feita".

Toda vez que se lê o mundo, faz-se necessário ter em mente de qual janela se está olhando para este mundo. Essa leitura do mundo implica despir as tramas e descobrir uma nova razão de ser. Esse desvelamento da realidade não gera mudança individualmente, é preciso ter como acompanhamento a liberação das limitações que prejudicam o próprio desempenho profissional e a convivência com os outros.

Toda essa libertação exige um caminho, que é um alvoroço na alma, uma síntese de sentimentos contraditórios, a esperança de libertação imediata das ameaças, a leveza da ausência do opressor. A dor do estilhaçamento do sonho, da utopia, da ameaça da perda da esperança também faz parte do tumulto da alma. Isso culmina um alvoroço intelectual que provoca uma série de ponderações, tornando o conhecimento mais claro e profundo.

Freire busca transformar a pessoa em um ser livre. É o que ele declara em todos os momentos de seus escritos. Ele sempre fala com os trabalhadores, com os camponeses, com os trabalhadores rurais. Aqueles que estão sob o jugo do chefe, às vezes acho que Deus quer assim, mas acabam descobrindo que é o chefe que quer. Todo esse diálogo está impresso nas páginas 48-49-50, do livro *Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*.

Encerrando esse diálogo, Freire escreve:

Possivelmente esses camponeses estavam, pela primeira vez, tentando superar a relação que chamei na *Pedagogia do Oprimido* de 'adesão' do oprimido ao opressor para, 'distanciando-se dele', localizá-lo 'fora de si', como diria Fanon. A partir daí, também teria sido possível compreender o papel do patrão, inserido em um determinado sistema sociopolítico e econômico, para compreender as relações sociais de produção, os interesses de classe. (Freire, pág. 48-50, 1992)

Os escritos de Freire sempre encontraram eco nas pessoas. Pode-se ver isso quando Freire pediu a um jovem, filho de uma de suas alunas de Harvard, uma mulher negra, que lesse a tradução do primeiro capítulo de *Pedagogia*. Na semana seguinte, ele voltou e disse: "Esse livro escreve sobre mim, é sobre mim" (p. 75). Isso significa que o texto é bastante aberto e pode ser facilmente compreendido pelo leitor.

Ler um texto é contrastado com não apenas passar os olhos sobre as letras e palavras, mas é algo muito mais sério. É apreender as relações entre as palavras dentro de seu contexto. Era isso que Freire mais queria, que o leitor fosse capaz de entender, visualizar e incorporar a leitura.

Partindo desse pressuposto, Freire entendeu que a leitura de um texto, acima de tudo, exige de quem o escreve, estar convencido de que as ideologias não morreram. A leitura e escrita de palavras passa pela leitura do mundo, ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. Ler a realidade dos alunos é saber respeitar sua individualidade, sem interferir no processo de ensino-aprendizagem. Respeitar o aluno é ensinar e não apenas passar conhecimento. Ensinar envolve fazer com que o aluno penetre no discurso do professor e se aproprie do sentido profundo do conteúdo que está sendo ensinado.

Desafiar o que está sendo ensinado em relação ao que parece ser verdade é um dever do educador. O que não pode acontecer é o desrespeito ao

conhecimento do senso comum, não é possível tentar superá-lo sem partir dele, apenas passar por cima dele. O educador deve se adaptar à realidade do aluno, reconhecer e identificar sua bagagem de conhecimento, sua leitura de mundo e saber aproveitar ao máximo tudo isso para tornar o processo de aprendizagem mais efetivo. Certamente existem diferenças entre esses saberes, mas de forma alguma o educador pode deixar esses conhecimentos de lado. Ignorando-os, subestimando a sabedoria que resulta das experiências socioculturais.

Com relação a esses, sabe-se que estão inseridos no horizonte maior, e o educador deve ter consciência da necessidade de ir também, de buscar mais informações, de ver e ler o mundo de outras janelas. Preciso abrir as janelas e deixar entrar o máximo possível dos diferentes conhecimentos culturais, para que o educador possa estar mais familiarizado com as turmas de alunos que tem, com a realidade obviamente diferente de cada um deles e com as diferentes leituras que cada um fará.

Freire sempre demonstrou grande respeito pelas classes diferenciadas com as quais tinha contato. Lutou pela classe oprimida, para que também ela tivesse direito à sua liberdade intelectual e física.

Enquanto a violência dos opressores torna os oprimidos proibidos de ser, a resposta dos oprimidos à violência dos opressores é infundida com o anseio de buscar o direito de ser. Os opressores, ao violarem e proibirem os outros de serem, não podem ser iguais; os oprimidos, esforçando-se para ser, tirando-lhes o poder de oprimir e oprimir, restituem-lhes a humanidade perdida no uso da opressão. É por isso que só os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto oprimem a classe, não se libertam nem se libertam. (Freire, pág. 97. 1992).

É por meio desse texto e de muitos outros que Freire demonstra claramente para quem está escrevendo, a quem se refere quando fala dos oprimidos e opressores. Ele também explicitou ao longo do livro sua preferência pela defesa dos menos afortunados, daqueles que viviam na obscuridade, para além da sociedade letrada.

Esta é mais uma expressão contundente da posição de Freire: fala das pessoas que Freire quer alterar a vida dos que estão na opressão, dos que não estão vendo a luz no fim do túnel. Para eles, Freire traz a centelha da chama, convoca-os ao centro e propõe uma vida diferente.

Segundo Freire, é preciso decompor aqueles que impedem a manifestação do livre pensamento e da individualidade responsável; os que contraem os corpos com a violência da fome e a agressão da doença sem ajuda; os que toleram a crueldade da tortura e a brutal degradação do lugar em que vivemos; o sofrimento da convivência longe daqueles que amamos.

As análises freirenas sobre a opressão, sobre a consciência oprimida, têm como referência o que ele afirma ao retratar os camponeses, homens, mulheres e crianças que estão sem esperança, sem conseguir alcançar um mundo novo por falta do conhecimento básico da leitura e escrita. A percepção dessa desumanização levou-o a indagar sobre uma outra realidade do campo, das lutas de libertação, de suas redes de socialização, da reinvenção da vida, dos valores, da cultura popular: a realidade de sua humanização.

Freire aconselha a ser sensível aos processos brutais de desumanização, questionando se os homens não devem se preocupar com a viabilidade de sua própria humanização do ponto de vista da desumanização. Se, segundo Freire, ambas são possibilidades, só a humanização parece ser o chamado da vocação masculina.

É por meio da desumanização da educação, mesmo desde a infância, que a escola, a pedagogia escolar e os educadores têm o imperativo ético e profissional de assumir o humanismo pedagógico: que toda prática educativa tenha como ponto central a recuperação dessa humanidade roubada na infância e adolescência.

Essa presença brutal da infância e adolescência entre os oprimidos da era da globalização, da sociedade do conhecimento, coloca o educador diante de complexos e tensos processos de humanização-desumanização. Aproxima a escola de seus professores, dos currículos, da historiografia, da teoria pedagógica e da didática das questões centrais que tanto preocupavam Freire, que alimentavam suas reflexões. suas propostas e sua figura como educador.

A teoria freireana não pode mais estar longe da reconsideração da escola e da história da educação em espaços informais de educação de adultos e jovens oprimidos, para ser alfabetizado e consciente nas igrejas. A cruel realidade da desumanização da infância e adolescência confronta a todos para repensar o momento educacional.

Essas crianças e adolescentes, com sua presença nas ruas, nas escolas, na cultura, nos deixam irritados e reposicionam velhas questões pedagógicas que

continuam desafiando o dom. Exigem dignidade, afirmam sua condição de seres humanos, de sujeitos de direitos na experiência de sua negação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente está aí para lembrar aos educadores e a todos que, justamente em tempos de raiva, exclusão e opressão, a infância se reconhece como alguém, gente, deixa de ser criança e elocuciona sua linguagem, a linguagem da dignidade e da liberdade. Ele está aprendendo a pedagogia dos oprimidos desde muito jovem.

Essa infância popular alerta para a centralização cada vez maior daquele educador que pensou, teorizou, mostrou que ser educador é recuperar a humanidade roubada e, sobretudo, enxertar nossa prática educativa em todo movimento de libertação que vem do oprimido, de cada gesto, mesmo que inseguro, de humanização e dignidade que emerge na infância.

Basta olhar para os rostos desfigurados de crianças e adolescentes para não conseguir deixar de enfrentá-los como Freire, para sentir que a infância excluída, oprimida, negada questiona e pede algo mais do que as simples cartas, os relatos, as noções elementares das ciências. Exige mais do que apenas instrução bancária, algo mais do que a merenda escolar. Essas crianças e adolescentes pedem que, como educadores, se recupere a humanidade que lhes foi roubada, que sejam reconhecidos como excluídos e oprimidos, que se reaprenda com eles a pedagogia dos oprimidos.

O pensamento de Freire é tão relevante hoje quanto era nas décadas de 1960 e 1970, porque ainda existem e sempre existirão pessoas excluídas, oprimidas e crianças abandonadas. É muito atual, sobretudo, porque essa dolorosa constatação leva a questionar sobre a busca da humanização na própria negação das lutas atuais por liberdade, justiça, igualdade, diversidade e tentar recuperar a humanidade roubada da escola.

Outra preocupação muito grande de Freire sempre foi a formação de professores adequados às necessidades atuais, o que serve de base fundamental para todo o processo de reforma educacional, dada a mudança demográfica nas escolas atuais. Atualmente, os alunos fornecem à sociedade multicultural uma diversidade de famílias, culturas, raças, línguas e níveis socioeconômicos... Deve-se a todos eles um sistema educacional eficiente e responsivo que efetivamente os prepare para as realidades acadêmicas, profissionais e sociais do século XXI.

A Pedagogia da Autonomia é um livro pequeno em tamanho, mas gigante em esperança e otimismo, que condena as mentalidades fatalistas que se conformam à ideologia imobilizadora de "a realidade é a mesma, o que podemos fazer?" Para estes, basta a formação técnica indispensável à sobrevivência.

Com Paulo Freire, educar é construir, é libertar o ser humano das amarras do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. É um "ensinamento a pensar verdadeiro" como aquele que "fala com a força do testemunho". É um "ato comunicativo, coparticipativo", de alguma forma produto de uma mente "burocratizada". No entanto, toda a curiosidade do conhecimento requer uma consideração crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá que ser aliado à sua aplicação prática.

O ensino é algo de profundo e dinâmico onde a questão da identidade cultural, que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial para a "prática educativa progressiva". Por isso, torna-se imprescindível "solidariedade social e política para evitar um ensino elitista e autoritário como aqueles que têm o direito exclusivo ao "conhecimento articulado". E, mais uma vez, Freire reforça constantemente que a educação não é mera transferência de conhecimento, mas consciência e testemunho de vida, caso contrário não será eficaz.

Sob esse viés, para ele, educar é como viver, requer a consciência do inacabado porque a "História em que me faço com os outros (...) É um tempo de possibilidades e não de "determinismo" (p.58). No entanto, é um tempo de possibilidades condicionadas pela herança genética, social, cultural e histórica que torna homens e mulheres seres responsáveis, especialmente quando "a decência pode ser negada e a liberdade injustiçada e rejeitada" (p.62).

Segundo Freire, "o educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tira a liberdade do educando, sua capacidade de aventura. Não forma, domestica"(63). A autonomia, a dignidade e a identidade do educando devem ser respeitadas, sob pena de o ensino tornar-se "conversa inautêntica, vazia e inoperante" (p.69). E isso só é possível levando em conta o conhecimento adquirido com a experiência feita por crianças e adultos antes de chegarem à escola.

Para Freire, os homens e as mulheres são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criativa, com abertura ao risco e à aventura de ser, porque ensinando se aprende e aprende ensina-se.

Neste patamar, verifica-se que, embora a cortina para Paulo Freire seja o Brasil, sua filosofia da educação é um grito universal de esperança para todos os membros da raça humana oprimida e discriminada. Nesse sentido, ele afirma que qualquer iniciativa de alfabetização só assume uma dimensão humana quando se realiza a "expulsão do opressor de dentro do oprimido", como liberdade da culpa (imposta) de "seu fracasso no mundo".

Por outro lado, Freire insiste na "especificidade humana" do ensino, enquanto capacidade profissional e generosidade pessoal, sem autoritarismo e arrogância. Só assim, diz, nascerá um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre "a autoridade docente e as liberdades dos alunos, (...) reinventando o ser humano na aprendizagem de sua autonomia" (p.105). Consequentemente, não será possível separar "a prática da teoria, a autoridade da liberdade, a ignorância do conhecimento, o respeito ao professor, o respeito aos alunos, o ensinar a partir da aprendizagem" (p.106-107).

A ideia de coerência profissional indica que a docência exige do professor um compromisso existencial, do qual nasce a autêntica solidariedade entre educador e educando pois, ninguém pode se contentar com um modo neutro de estar no mundo. Ensinar, por essência, é uma forma de intervenção no mundo, um plugue de posição, uma decisão, às vezes, até mesmo uma ruptura com o passado e o dom. Pois, quando fala da "educação como intervenção", Freire refere-se a mudanças reais na sociedade: no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, 'à terra', 'à educação', 'à saúde' (...) (pág. 123), em clara referência à situação do Brasil e de outros países da América Latina.

Desta forma, a educação é ideológica, mas está aberta ao diálogo e à atenção, para que se estabeleça a comunicação autêntica da aprendizagem, entre as pessoas, com almas, sentimentos e emoções, desejos e sonhos. Sua pedagogia é "baseada na ética, no respeito à dignidade e na autonomia do educando" (p.11). E é "vigilante contra todas as práticas de desumanização" (p.12). É necessário que "o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber-fazer da sabedoria exercitada ajudem

a evitar a 'degradação humana' e o discurso fatalista da globalização", como ele tão bem diz.

Para Paulo Freire, a docência é muito mais do que uma profissão, é uma missão que exige conhecimento comprovado em seu processo dinâmico de promover a autonomia do ser de todos os alunos. Os princípios enunciados por Paulo Freire, o homem, o filósofo, o mestre por excelência que verdadeiramente promoveu a inclusão de todos os alunos em uma escolarização que dignifica e respeita os alunos porque respeita sua leitura do mundo como ponte de libertação e autonomia para ser pensante e influente em seu próprio desenvolvimento.

A Pedagogia da Esperança é, sem dúvida, uma das grandes obras da humanidade em prol da educação numa que respeita tudo educando-os (inclusive os mais desfavorecidos) e liberta seu pensamento de tradições disruptivas – por que opressoras. A esperança e o otimismo na possibilidade de mudança são um passo gigantesco na construção e formação científica do professor que "deve coincidir com sua retidão ética" (p. 18).

Paulo Freire, professor e filósofo que ao longo de sua vida não só buscou perceber os problemas educacionais da sociedade brasileira e mundial, como propôs uma prática educativa para resolvê-los. Ensina os professores a percorrer caminhos nos mares da educação guiados por uma bússola que aponta, entre outros, os seguintes pontos cardeais: ética e estética; capacidade profissional; o respeito ao conhecimento da educação e o reconhecimento da identidade cultural; a rejeição de toda e qualquer forma de discriminação; a avaliação crítica da prática pedagógica; saber dialogar e ouvir; o bem dos educandos; ter alegria e esperança; tê-lo livre e autorizado; seja curioso; para tê-lo à consciência do inacabado... como princípios básicos para uma prática educativa que transforme educadores e educandos e lhes garanta o direito à autonomia pessoal na construção de uma sociedade democrática que todos respeitem e dignifiquem.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente.

São Paulo: Paz e Terra, 1996.